

*"Verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos."*¹

COMENTÁRIO DO REITOR-MOR

*Caríssimos Irmãos,
Filhas de Maria Auxiliadora,
Todos os Membros da Família Salesiana,
Jovens,*

aqui estou para o encontro de todos os anos a fim de apresentar o comentário da Estreia de 2010. Qual verdadeiro programa espiritual e pastoral, ela nos ajudará a fortificar nossa identidade salesiana, revigorar nossa comunhão de mente e coração, inserir-nos na Igreja como "discípulos e apóstolos" para a construção do Reino e a transformação do mundo. Hoje, mais do que nunca, o mundo precisa de Cristo e do seu Evangelho; por isso são necessárias pessoas que, como Jesus, façam do Reino de Deus a causa pela qual viver; é preciso o testemunho

¹ BENTO XVI, cf. *Sacramentum Caritatis*, n. 84.

de discípulos, homens e mulheres novos, nascidos não da "carne", mas do Espírito; são precisos apóstolos empenhados seriamente na conservação da criação e da justiça, da solidariedade e da fraternidade entre os povos.

1. INTRODUÇÃO: A ESTREIA E SUAS MOTIVAÇÕES

Após o apelo do ano passado, quando convidei a Família Salesiana a viver e agir como "movimento" para ser mais visível, mais significativa e mais eficaz no serviço da salvação dos jovens, em 2010 gostaria de vê-los animados do mesmo espírito e envolvidos num projeto compartilhado: anunciar o Evangelho aos jovens e levá-los assim ao encontro pessoal com o Senhor Jesus. Trata-se de uma palavra programática que nos é oferecida pelo próprio Santo Padre na carta que me enviou por ocasião do Capítulo Geral 26 dos SDB:

"A evangelização seja a fronteira principal e prioritária da sua missão nos dias de hoje. Ela apresenta compromissos multifacetados, desafios urgentes e campos de ação vastos,

mas sua tarefa fundamental consiste em propor a todos para que levem uma existência humana como Jesus a viveu. Nas situações plurirreligiosas e também nas secularizadas é preciso encontrar caminhos inéditos para fazer conhecer a figura de Jesus, de modo especial aos jovens, a fim de que compreendam sua perene fascinação".²

Por isso, no centenário da morte do padre Miguel Rua, fidelíssimo a Dom Bosco e ao seu carisma, gostaria de convidar todos os membros da Família Salesiana a serem sempre mais discípulos enamorados e apóstolos entusiastas de Jesus, e a se empenharem na evangelização dos jovens. Falemos de Cristo a eles; comentemos nosso encontro com Ele; narremos sua história, sem a qual sua figura arrisca-se a cair na mitologia ou na ideologia; apresentemos-lhes o programa de felicidade oferecido por Ele nas Bem-aventuranças; contemos-lhes quão bela é a vida quando Ele é encontrado e quão radiante é ser agarrados por Ele e envolvidos na causa do Reino de Deus. A ação evangelizadora é fruto da identidade do discípulo que, depois de se colocar na sequela do Senhor Jesus, torna-se seu representante pessoal e missionário ardoroso.

Queremos assumir o desafio de ajudar os jovens a "olharem para os outros, não mais apenas com os próprios olhos e com os próprios sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo".³ É verdade, nós somos Salesianos e, como tais, realizamos nossa missão de evangelizar *educando* e educar *evangelizando*. Não é um *slogan* nem uma expressão vazia de sentido. Ela exprime a estreita ligação existente entre evangelização e educação; sem se confundir, e no respeito da própria autonomia, elas estão a serviço da construção da pessoa humana para levá-la à plenitude de Cristo. A educação é autêntica quando respeita todas as dimensões da criança, do adolescente, do jovem e é claramente orientada para a formação integral da pessoa, abrindo-a à transcendência. A evangelização por sua vez tem em si mesma um intenso valor educativo, justamente porque busca a transformação da mente e do coração, a criação de uma pessoa nova, fruto da sua configuração a Cristo.

A Estreia de 2010 acena ao ano paulino, há pouco concluído e ao Sínodo sobre a Palavra de Deus, ainda à espera da Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa, que nos ajudará a anunciar e testemunhar a beleza do encontro com Cristo, Palavra de Deus, que vive entre nós. Durante o Sínodo, do qual tive a graça de participar, fiz uma intervenção sobre o trecho lucano dos discípulos de

² BENTO XVI, *Carta ao Pe. Pascual Chávez Villanueva*, Reitor-Mor dos Salesianos, por ocasião do Capítulo Geral 26, 1º de março de 2008, n. 4; cf, CG26 dos SDB, p. 109.

³ Cf. BENTO XVI, *Deus Caritas Est*, n. 18.

Emaús, visto como modelo de evangelização dos jovens, tanto pelos conteúdos quanto pelos métodos; poderá ser útil torná-lo novamente nas mãos e meditá-lo.

Eis, então, o programa espiritual e pastoral para 2010:

"Senhor, queremos ver Jesus"

À imitação do Padre Rua, como discípulos autênticos e apóstolos apaixonados, levemos o Evangelho aos jovens.

Numerosos grupos da Família Salesiana já estão em sintonia com essa tarefa. Como exemplo, assinalo duas passagens dos Capítulos Gerais dos SDB e das FMA.

O Capítulo Geral 26 dos Salesianos tem consciência da urgência de evangelizar e da centralidade da proposta de Jesus Cristo:

"Percebemos a evangelização como a principal urgência da nossa missão, conscientes de que os jovens têm o direito de ouvir o anúncio da pessoa de Jesus como fonte de vida e promessa de felicidade no tempo e na eternidade".⁴

"Nossa tarefa fundamental consiste em propor a todos para que levem uma existência humana como Jesus a viveu. [...] o anúncio de Jesus Cristo e do seu Evangelho deve ser fulcral, juntamente com

com o apelo à conversão, ao acolhimento da fé e à inserção na Igreja; além disso, nascem aqui os caminhos de fé e de catequese, a vida litúrgica e o testemunho da caridade diligente".⁵

O Capítulo Geral 22 das Filhas de Maria Auxiliadora reconhece, depois, que é o amor de Deus que nos impele:

"O Cenáculo, o lugar onde os apóstolos se encontram todos juntos, não é uma morada estável, mas uma base de lançamento. O Espírito os transforma de homens medrosos em ardorosos missionários que, repletos de coragem, levam pelas estradas do mundo o alegre anúncio de Jesus Ressuscitado. O amor impele ao êxodo e a sair de si em direção das novas fronteiras, para se fazer dom:

'o amor cresce mediante o amor',⁶ Maria, que no Cenáculo ensina a escancarar as portas, foi a primeira a viver a experiência do êxodo e começar a viagem. A primeira evangelizada se tornou a primeira evangelizadora. Levando Jesus aos outros ela oferece seu serviço, leva alegria, faz experimentar o amor".⁷

⁴ CG26 SDB, n. 24.

⁵ BENTO XVI, Carta ao Pe. Pascual Chávez Villanueva, Reitor-Mor dos Salesianos, por ocasião do Capítulo Geral 26, 1º de março de 2008, n. 4; cf. CG26 dos SDB, p. 109.

⁶ Cf. BENTO XVI, Deus Caritas Est, n. 18.

⁷ CG22 FMA, Acima de tudo o amor, n. 33.

2. SER DISCÍPULOS E APÓSTOLOS: NOSSA VOCAÇÃO

A vocação de todo cristão é ser discípulo que acolhe cordialmente a Palavra de Deus e apóstolo que a transmite com alegria. A vida e a missão da Igreja consistem justamente nisso. Jesus começou a anunciar pessoalmente o Evangelho do Reino de Deus e a chamar discípulos para enviá-los a pregar. Todos os batizados, não só os Doze, são chamados a serem discípulos que se familiarizam com a Palavra, se identificam com o Senhor a ponto de adquirirem seus sentimentos, terem a mente de Cristo, viverem em intimidade com Ele, até serem apóstolos convictos e zelosos, enviados a todos os ambientes de vida para dar testemunho da fé, dar razão da esperança, colaborar na transformação da cultura e da sociedade, construir um mundo onde reinem a justiça e a paz, a ser consciência de solidarie-

dade entre os povos e os grupos sociais, e de fraternidade entre todas as pessoas.

Nenhum cristão pode subtrair-se a essa vocação e missão. Todos - não só os sacerdotes, missionários ou religiosos -, movidos pelo amor que o Senhor tem por nós e em virtude do Batismo, somos chamados a ser evangelizadores. Podemos responder à ordem do Senhor na família, no trabalho, em nossas comunidades, com as ações e as palavras, isto é, com o amor que colocamos nas ações e nas palavras, preocupando-nos que sejam segundo o Evangelho. Evangelizar significa lançar o fermento com uma energia capaz de mudar a mentalidade e o coração das pessoas e, por meio delas, as estruturas sociais, de modo que estejam mais de acordo com o plano de Deus. Não se trata de uma atividade intimista: evangelizar é desencadear a verdadeira revolução social, a mais profunda, a única eficaz. Isso explica por que ela encontra tantas resistências e oposições, claras ou ocultas.

Antes de pensar nos meios e modos de evangelizar, é preciso ter um motivo, ser "enamorado" de Deus, ter feito experiência da sua amizade e da sua intimidade: "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor, mas vos chamo amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai" (Jo 15,15). Entre os momentos do chamado e do envio fica o

tempo em que os discípulos "estão" com o Senhor para aprender seu estilo de vida, aprender a ler a história pessoal e universal como história de salvação, experimentar na própria vida a verdade, a bondade e a beleza da mensagem que lhes é confiada e que são chamados a proclamar.

Sobre isso eu dizia na saudação de abertura da Assembleia semestral da União dos Superiores Gerais em preparação ao Sínodo sobre a "Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja":

"Só o ministro do Evangelho - consagrado ou leigo - que tenha em seu coração o Evangelho feito objeto de contemplação e motivo de oração conseguirá mantê-lo nos lábios como tesouro sobre o qual falar e o terá nas mãos como dever ineludível a comunicar".⁸

Na bela missão de acolher, encarnar e comunicar a Palavra de Deus, Maria é nossa mãe e mestra, porque - como diz Santo Agostinho - Ela concebeu o Filho no espírito antes que na carne. De fato, no Evangelho de Lucas, Maria é apresentada como aquela que, ao anúncio do Anjo, responde com abertura extraordinária: "Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1,38).

Maria é modelo do discípulo que, diante dos acontecimentos que vê e não consegue entender, conserva todas aquelas coisas e as medita em seu coração (cf. Lc 2,19). No início do ministério do seu Filho, nas bodas de Caná, Ela convida os servos a "fazerem tudo o que ele disser" (Jo 2,5), e durante o ministério está entre os discípulos que "ouvem a Palavra de Deus e a observam" (Lc 11,27-28). Chegado o momento da paixão, Maria está aos pés da cruz, compartilhando até o fim o abandono, a recusa e o sofrimento do Filho, e recolhendo cuidadosamente o seu testamento: "Mulher, eis o teu filho" (Jo 19,25-27). Enfim, depois a ressurreição, persevera em oração com os discípulos à espera do Espírito Santo prometido (cf. At 1,14). Eis o nosso modelo de discípulo e apóstolo da Palavra.

⁸ PASCUAL CHÁ VEZ, Non e giusto che noi trascuriamo la Parola di Dio, Saudação de abertura da Assembleia da USG, Roma, 21 de novembro de 2007.

3. MISSÃO DOS DISCÍPULOS É ESCUTAR O "DESEJO DE VER JESUS"

A evangelização não é apenas a mensagem a proclamar, mas a revelação de Deus em Jesus; por isso, ela é autêntica quando leva ao encontro com a pessoa de Jesus e é eficaz quando comunica a salvação que, no Filho, Deus nos quis dar. A evangelização comporta, portanto, uma dinâmica interna, que parte do sentimento religioso expresso no desejo humano de ver Deus, anunciado pelo salmista: "Meu coração se lembra de ti: buscai minha face; tua face, Senhor, eu busco" (Sl 26,8). E um dos discípulos ousará pedir a Jesus: "Senhor, mostra-nos o Pai, isso nos basta" (Jo 14,8). Isso nos diz que evangelizar é um encontro pessoal, e alguém é evangelizado justamente quando encontra e acolhe a pessoa de Jesus.

O evangelista João recorda que alguns gregos, enquanto subiam a Jerusalém para a Páscoa, aproximaram-se de Filipe com o pedido de "ver Jesus" (Jo 12,21). Sem saber o que fazer diante de pedido tão inesperado, Filipe conversou com André e, juntos, "foram falar com Jesus". Então, Jesus tomou consciência de que chegara a hora, muitas vezes adiada, de ser glorificado. No momento em que os distantes sentiram o desejo de vê-lo, Jesus reconheceu que chegara o tempo de anunciar a própria entrega à morte, a hora da glorificação, o momento decisivo da salvação de todos.

Jesus chegou ao conhecimento da sua hora ao saber que havia alguns gregos querendo vê-lo. Ele tomou consciência disso porque dois discípulos lho comunicaram. Sem perceber, Filipe e André ajudaram Jesus a reconhecer o momento crucial da sua vida. Sem os dois discípulos, os gregos não teriam podido manifestar o desejo de ver o Senhor; sem eles Jesus não ficaria sabendo que chegara o momento da sua glorificação. Jesus precisou dos discípulos para reconhecer, no desejo de ser visto pelos distantes, que chegara a hora da sua glória.

Ainda hoje Jesus precisa de discípulos que consigam perceber no coração do povo, em suas alegrias e em seus temores, a vontade nem sempre expressa de aproximar-se dele e encontrá-lo. O que leva Jesus a atuar novamente a salvação é saber-se desejado.

peçoal. Tinham vivido com Jesus, e a convivência despertara neles as melhores esperanças: parecia ser "ele que libertaria Israel" (Lc 24,19.21). Sua morte na cruz, porém, sepultara todas as expectativas e a fé que tinham. Era mais do que lógico provarem a falência, sentirem, desiludidos, que foram enganados. Hoje, os jovens compartilham poucas coisas com estes discípulos; talvez, porém, não tenham tanto em comum quanto a frustração dos seus sonhos, o cansaço na vida e o desencanto no discipulado. Seguir Jesus não é digno, pensam com frequência, não vale a pena: um ausente não tem valor para suas vidas.

É hora de partir para Emaús. Ao longo do caminho, com suas angústias, há também a oportunidade de um encontro com Jesus. Não se deve pensar, porém, em caminhar sozinhos. Os jovens precisam de uma Igreja que, representando Jesus, se aproxime dos seus problemas e do seu desalento, que não só compartilhe com eles o caminho e o cansaço, mas saiba também conversar com eles, colocando-se no seu nível, interessando-se por aquilo que os preocupa, assumindo suas incertezas. Como poderá a Família Salesiana representar o Senhor ressuscitado, se não se ocupar deles, ou não se interrogar sobre suas "alegrias e esperanças", sobre suas "tristezas e angústias", enfim, se não se mostrar preocupada pelas suas coisas e pela sua vida?

Durante o caminho: do saber muitas coisas sobre Jesus ao deixá-lo falar

Pela estrada, só o desconhecido parecia não ter qualquer ideia do que acontecera em Jerusalém (cf. Lc 24,17-24). Conhecer muitas coisas sobre Jesus não levou os discípulos a reconhecê-lo: conheciam o querigma, mas não tinham chegado à fé; sabiam muito sobre ele, mas não eram capazes de vê-lo: tinham muitas notícias sobre um morto, a ponto de não conseguirem reconhecê-lo vivo. O desconhecido precisou empenhar-se intensamente para fazê-los compreender o acontecido sob a luz de Deus. Jesus pôs-se a reler sua vida com eles apresentando-a como realização das promessas. Para poder reconhecê-lo, tiveram de deixá-lo falar.

Como Cristo, a Família Salesiana precisa renunciar a alimentar nos jovens esperanças inconsistentes, expectativas falsas; deve ensinar a suportar o que acontece neles e ao redor deles, ajudando-os a reler os acontecimentos à luz de Deus, segundo a sua Palavra. Como os jovens conseguirão sentir-se amados por Deus se não os levarmos à convicção de que tudo o que acontece faz parte de um projeto divino, fruto e prova de um amor colossal? Para chegar a isso, devemos ser seus companheiros na busca do sentido da vida e na busca de Deus. Eis aqui um percurso, ainda pouco utilizado na Igreja, muito urgente para os jovens: sem conhecer as Escrituras, não se conhece Cristo.¹⁴

¹⁴Cf. Dives in Misericordia, n. 25.

Etapa decisiva: acolher Jesus na própria casa

Já em Emaús, os discípulos ainda não tinham chegado ao conhecimento pessoal de Jesus, não tinham identificado o Ressuscitado no companheiro desconhecido. Emaús não foi, na verdade, a meta da viagem, mas a etapa decisiva. Convidado a ficar, ainda desconhecido, Jesus repete seu gesto sem dizer palavra. A práxis eucarística entre os crentes é sinal da sua presença real. Os dois de Emaús não reconheceram o Senhor quando caminhavam com ele e dele aprendiam a entender o sentido dos acontecimentos. O que Jesus não conseguira fazer com o acompanhamento, com a conversação, com a interpretação da Palavra de Deus, realizou-se com o gesto eucarístico.

Os olhos para contemplar o Ressuscitado abrem-se quando Ele repete o gesto que melhor o identifica (cf. Lc 24,30-31). Quando se parte o pão em comunidade, Jesus sai do anonimato. "Nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter sua raiz e seu centro na celebração da Eucaristia."¹⁵ Uma educação à fé que se esqueça ou adie o encontro sacramental dos jovens com Cristo não é

mental dos jovens com Cristo não é caminho para encontrá-lo. A Eucaristia é e deve permanecer "fonte e cume da evangelização": "ela é "a fonte e o cume da vida cristã".¹⁷

"Os jovens, como nós, encontram Jesus na comunidade eclesial. Em vista dela, porém, há momentos nos quais Jesus se revela e se comunica de modo singular: são os sacramentos, em particular a Reconciliação e a Eucaristia. Sem a experiência que se faz neles, o conhecimento de Jesus resulta inadequado e escasso, a ponto de não permitir distingui-lo como ressuscitado Salvador.

Há, na verdade, quem, mesmo compartilhando a vida social e os ideais da Igreja, coloque Jesus apenas entre os grandes lábios, entre os gênios religiosos; talvez o considere como a realização mais elevada da humanidade, que influi em nós pela profundidade da sua doutrina e pelo exemplo de vida. Falta, porém, a experiência pessoal do Ressuscitado, do seu poder de dar a vida, da comunhão nele com o Pai. Diz-se acertadamente que os sacramentos são memória real de Jesus: daquilo que ele realizou e ainda realiza hoje para nós, daquilo que significa para a nossa vida: reacendem, portanto, a nossa fé nele, pelo

¹⁵ Presbyterorum Ordinis, n. 6.

¹⁶ Presbyterorum Ordinis, n. 5.

¹⁷ Lumen Gentium, n. 11.

nele, pelo que o vemos melhor em nossa existência e nos acontecimentos. São também revelação daquilo que parece escondido nas dobras da nossa existência, através dos quais tomamos consciência disso: na Reconciliação, descobrimos a bondade de Deus na origem e como tecido da nossa vida; à sua luz avaliamos o seu decorrer procuramos construí-la de modo novo. Eles são energia, graça transformadora porque comunicam a vida de Cristo ressuscitado e nos inserem nela; dão-nos consciência não teórica, mas vivida do seu valor, dimensões e possibilidades. São profecia, garantia de uma promessa de comunhão e felicidade, que nos foi feita e à qual nos entregamos. Na Reconciliação, abrem-se nossos olhos e vemos aquilo que podemos ser segundo o projeto e o desejo de Deus; é-nos dado novamente o Espírito que nos purifica e renova. Foi dito que é o sacramento do nosso futuro de filhos, e não do nosso passado de pecadores. Na Eucaristia, Cristo nos incorpora à sua oferta ao Pai e reforça nossa entrega aos homens. Inspira-nos o desejo e dá-nos a esperança de que ambos, amor ao Pai e aos irmãos, sejam uma graça para todos e para tudo: anunciamos sua morte, proclamamos sua ressurreição, vem, Senhor Jesus".¹⁸

5.3 Motivação da evangelização

A urgência de evangelizar não é proselitismo; ela exprime paixão pela salvação dos outros, alegria de compartilhar a experiência da plenitude de vida em Jesus. Quem encontrou o Senhor, não pode ficar em silêncio. Deve proclamá-lo. Ficar calado seria dá-lo novamente por morto; e Ele vive! O sentido missionário encarna a ordem dada por Jesus aos discípulos: "Sereis minhas testemunhas até os extremos limites da terra" (At 1,8). Ao levar o Evangelho aos jovens mais pobres, Dom Bosco apropriou-se desse apelo de Jesus desde o início da sua obra. Ao falar da Congregação ele diz: "esta Sociedade em seu princípio era um simples catecismo".¹⁹ E logo depois da aprovação das Constituições (1874) enviou a primeira expedição missionária à América Latina, em 11 de novembro de 1875. Somos convidados como Família Salesiana a nos colocarmos em sintonia com aquela que foi a inspiração originária de Dom Bosco: a dimensão evangelizadora e missionária da sua vida, mas também do seu carisma. Isso tudo representa um ponto fundamental do testamento espiritual que ele nos deixou.

Hoje, a missionariedade está particularmente viva, porque o mundo voltou a ser "terra de missão". Por outro lado, há também hoje uma maneira diversa de conceber a missionariedade, de realizar a "*missio ad gentes*".

¹⁸ J. E. VECCHI, "Lo riconobbero nello spezzare il pane", NPG 1997, n. 8 (novembro), p. 3-4.

¹⁹ MB IX, p. 61.

é atuada no respeito dos diversos ambientes culturais, em diálogo com as outras confissões cristãs e as diversas religiões, e empenha-nos na promoção humana e na fermentação da cultura." O que não nos exime, porém, de ser missionários, antes nos compromete de modo ainda mais intenso.

5.4 Repensamento da pastoral

Se quisermos evangelizar hoje, além de dar prioridade às urgências da evangelização, devemos renovar a pastoral. Eis, portanto, algumas considerações sobre isso.

Centralidade da pessoa de Jesus Cristo

A evangelização tem o Senhor Jesus não só como seu conteúdo, mas como seu sujeito fundamental. Jesus Cristo, com efeito, não propõe uma mensagem que possa ser separada da sua pessoa, de modo que suas palavras, suas ações, sua vicissitude terrena possam ser reduzidas a simples instrumentos de comunicação. Ele é o próprio conteúdo do seu anúncio, porque Ele é a Palavra viva e eficaz com que Deus se comunica aos homens. A fonte de toda a ação evangelizadora está no encontro pessoal com Cristo. Não se trata, obviamente, de simples exortação parenética, mas de indicação clara da verdade, que tem consequências muito relevantes.

Entre elas, assinalo primeiramente a exigência de superar a ruptura entre conteúdo e método da evangelização, e, ainda, a urgência de manter o equilíbrio entre o partir dos questionamentos dos destinatários e o apresentar-lhes somente Cristo e o Cristo por inteiro. Isso exige que verifiquemos se nossos métodos pastorais são coerentes com a centralidade da proposta de Jesus Cristo. Uma metodologia que coloque no centro exclusivamente o ouvinte da Palavra torna inútil a eficácia da mesma Palavra.

Testemunho da comunidade evangelizada e evangelizadora

O testemunho é elemento fundamental da ação pastoral. A prioridade do testemunho deriva coerentemente da centralidade da pessoa de Jesus Cristo na ação evangelizadora. Essa ação não nasce primariamente de necessidades humanas às quais se deva dar uma resposta, mas do encontro com um mistério pessoal de graça do qual é preciso dar testemunho; por isso, ela não se desdobra a partir do nada ou de uma carência, mas a partir da plenitude de amor que se irradia e do qual se participa. Por isso, no centro da ação evangelizadora está a presença testemunhal de uma comunidade que interpela as consciências com o próprio modo de viver e ali está não só um projeto pastoral ao redor do qual reunir forças mais ou menos homogêneas.

²⁰ Cf. *Evangelii Nuntiandi*, n. 19.

Assume, então, um relevo particular a figura do evangelizador que é, antes de tudo, um discípulo crente e, depois, um apóstolo crível, antes, um apóstolo crível justamente por já ser discípulo crente.

Evangelização e educação

Sente-se, na Família Salesiana, a exigência de repensar a relação entre evangelização e educação, superando a inércia repetitiva de fórmulas genéricas. O Capítulo Geral 26 dos Salesianos afirma:

*"Na tradição salesiana, exprimimos essa relação de diversos modos: por exemplo, 'honestos cidadãos e bons cristãos' ou 'evangelizar educando e educar evangelizando'. Advertimos a exigência de continuar a reflexão sobre essa relação delicada. Entretanto estamos convencidos de que a evangelização propõe à educação um modelo de humanidade plenamente realizada e que a educação, quando chega a tocar o coração dos jovens e desenvolve o sentido religioso da vida, favorece e acompanha o processo de evangelização".*²¹

O desenvolvimento deste trabalho encontra seu ponto de referência na clara afirmação do texto capilar, segundo o qual é

preciso "salvaguardar ao mesmo tempo a integridade do anúncio e a gradualidade da proposta",²² sem ceder à tentação de transformar a gradualidade dos caminhos pedagógicos em parcialidade seletiva da proposta ou na lentidão do anúncio explícito de Jesus Cristo, impossibilitando assim o encontro pessoal com o Senhor.

Evangelização nos diversos contextos

A evangelização também exige que se dê atenção aos diversos contextos. A urgência de levar o anúncio do Senhor Ressuscitado induz-nos ao confronto com situações que ressoam em nós como apelo e preocupação: os povos ainda não evangelizados, o secularismo que ameaça terras de antiga tradição cristã, o fenômeno das migrações, as novas formas dramáticas de pobreza e violência, a difusão de movimentos e seitas. Cada contexto apresenta seus próprios desafios ao anúncio do Evangelho. Sentimo-nos questionados também por algumas oportunidades, como o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural, a nova sensibilidade pela paz, pela tutela dos direitos humanos e pela conservação da criação, as muitas expressões de solidariedade e de voluntariado. Esses elementos, reconhecidos pelas Exortações

²¹ CG26 SDB, n. 25.

²² Ibidem.

Apostólicas dos pós-Sínodos continentais, comprometem-nos a encontrar novos caminhos de comunicação do Evangelho de Jesus Cristo no respeito e na valorização das culturas locais.

Atenção à família

Deve-se reservar uma atenção particular à família, sujeito originário da educação e primeiro espaço da evangelização. A Igreja tomou consciência das graves dificuldades nas quais a família se encontra e adverte sobre a necessidade de oferecer ajudas extraordinárias para sua formação, seu crescimento e o exercício responsável da sua missão educativa. Por isso, também nós somos chamados a fazer com que a pastoral juvenil seja sempre mais aberta à pastoral familiar. Assim dizia o Papa Bento XVI a nós Salesianos durante o Capítulo Geral 26:

"É extremamente importante na educação dos jovens que a família seja sujeito ativo. Ela encontra-se muitas vezes em dificuldade ao enfrentar os desafios da educação; outras vezes é incapaz de dar sua contribuição específica, ou então fica ausente. A predileção e o compromisso a favor dos jovens, que são características do carisma de Dom Bosco, devem traduzir-se em igual compromisso pelo envolvimento e formação das famílias. Portanto, vossa pastoral

juvenil deve abrir-se decididamente à pastoral familiar. Ocupar-se das famílias não é subtrair forças ao trabalho pelos jovens, aliás, é torná-la mais duradoura e eficaz".²³

5.5 Processos que devem ser ativados para a mudança

A fim de enfrentar as exigências da evangelização e realizar o repensamento da pastoral juvenil, é necessário converter mentalidades, modificar estruturas e ativar alguns processos de mudança. É preciso passar:

- de uma mentalidade que privilegia os papéis de gestão direta à que privilegia a presença evangelizadora entre os jovens;

- de uma evangelização feita de eventos sem continuidade a um itinerário sistemático e integral; - de uma mentalidade individualista a um estilo comunitário que envolve jovens, famílias e leigos no anúncio de Jesus Cristo;

- de uma atitude de autossuficiência pastoral à participação nos projetos das igrejas locais;

- de uma consideração da eficácia da nossa presença em termos de estima dos outros à sua avaliação em termos de fidelidade ao Evangelho;

²³ BENTO XVI, *Discurso de Sua Santidade na Audiência aos Capitulares*, 31 de março de 2008; cf. CG26, p. 145-146.

- de uma atitude de superioridade cultural à acolhida positiva de culturas diferentes da nossa;
- de uma consideração da Família Salesiana apenas como oportunidade de encontro, conhecimento e troca de experiências ao empenho para fazer dela um verdadeiro movimento apostólico em favor dos jovens. Estou convencido de que,

"para responder como discípulos do Senhor Jesus não temos alternativa senão a vida teologal, uma intensa vida permeada de fé, esperança e caridade, vivida em profundidade, e a radicalidade da vida evangélica, uma vida luminosa marcada pela obediência, pela pobreza e pela castidade. Eis a nossa profecia! Jesus nos instruiu e nos comunicou seu Espírito para que pudéssemos ser sal da terra, luz do mundo, fermento na sociedade, chamados a iluminar e irradiar, a preservar e dar sabor, a desenvolver e transformar. Isso tudo implica:

- *assumir com criatividade e entusiasmo a nova evangelização, até chegar à alma da cultura, especialmente dos jovens, nossos destinatários;*
- *recuperar a centralidade de Deus na vida pessoal e comunitária, garantindo uma elevada medida de vida espiritual na comunidade e*

tornando legível o testemunho comunitário da sequela de Cristo;

- apostar na criação de comunidades com genuíno espírito de família, ricas de valores humanos e entregues plenamente ao serviço dos jovens, sobretudo os mais pobres, carentes, marginalizados, até fazer delas casa e escola de comunhão;

- dar novo significado à presença salesiana entre os jovens, fazendo opções carismáticas que nos permitam compartilhar a vida com os jovens, criando uma nova modalidade de presença mais decididamente evangelizadora, estando onde pudermos ser mais fecundos em nível pastoral, espiritual e vocacional. ”²⁴

²⁴ Pascual Chávez Villanueva, *Sotto il soffio dello Spirito. Identità carismatica e passione apostolica. Corso di esercizi spirituali alle Capitolari FMA. LDC, Turim, 2009, p. 17.*

6. COMO PADRE MIGUEL RUA, DISCÍPULO E MISSIONÁRIO

Quem relê a história da Congregação Salesiana, a 150 anos da sua fundação e a 100 anos da morte do padre Rua, primeiro sucessor de Dom Bosco, não pode deixar de reconhecer que nosso carisma nasceu da mesma missão da Igreja; o que nos impele é a paixão pastoral que Dom Bosco aprendeu à escola de Cafasso; numa palavra, somos enviados por Jesus a realizar seu mesmo ministério e sua mesma obra, mas com o rosto sorridente de Dom Bosco e a determinação do padre Rua.

6.1 "Fidelíssimo"

Por isso, a esta altura não posso deixar de fazer um aceno ao padre Miguel Rua, modelo para nós do que, como Salesianos, significa ser discípulos e apóstolos de Jesus nos passos de Dom Bosco, do qual ele foi o primeiro sucessor.

Ele "foi o fidelíssimo, por isso o mais humilde e, ao mesmo tempo, o mais valoroso filho de Dom Bosco". Com estas palavras Paulo VI esculpiu para sempre a figura humana e espiritual do padre Rua, em 19 de outubro de 1972, dia da beatificação. O Papa, também naquela homilia²⁵ cadenciada sob a cúpula de São Pedra, delineou o novo Beato com palavras que definiram sua característica fundamental:

"Sucessor de Dom Bosco, isto é, continuador: filho, discípulo, imitador... Fez do exemplo do Santo uma escola, da sua vida uma história, da sua regra um espírito, da sua santidade um tipo, um modelo; fez da fonte, uma corrente, um rio".

As palavras de Paulo VI elevavam este "frágil e consumido perfil de padre" a uma altura superior à vicissitude terrena; descobriam o diamante que brilhara na trama doce e humilde dos seus dias.

Começara num dia distante, com um gesto estranho. Oito anos, órfão de pai, com uma faixa preta na jaqueta, Miguel estendera a mão a Dom Bosco para receber uma medalhinha. Em vez da medalha, Dom Bosco oferecera-lhe a mão esquerda, enquanto com a direita fazia o gesto de cortá-la ao meio. E dizia: "Toma-a, Miguelzinho, toma-a".

²⁵ Cf. AAS ano e vol. LXIV, 1972, N. 11, p. 713-718.

cuidadosamente, da vida dos irmãos e das obras, e deixava diretrizes e conselhos para que florescesse a fidelidade a Dom Bosco.

6.3 Fidelidade dinâmica

Na mesma homilia da beatificação, Paulo VI afirmou:

"Meditemos um instante sobre o aspecto característico do padre Rua, aspecto que no-lo faz entender... A prodigiosa fecundidade da Família Salesiana teve sua origem em Dom Bosco; no padre Rua, a continuidade. Seu seguidor serviu a Obra salesiana na sua virtualidade expansiva, desenvolveu-a com coerência fiel, mas sempre com novidade genial".

Continua Paulo VI:

"O que nos ensina o padre Rua? A sermos continuadores... A imitação do discípulo não é passividade, nem servidão... A educação é arte que orienta a expansão lógica, mas livre e original, das qualidades virtuais do discípulo... Padre Rua qualifica-se como o primeiro continuador do exemplo e da obra de Dom Bosco... Percebemos ter diante de nós um atleta da atividade apostólica que age sempre nas pegadas de Dom Bosco, mas com dimensões próprias e crescentes

... Nós damos glória ao senhor, que quis... oferecer ao seu esforço apostólico novos campos de trabalho pastoral que o impetuoso e desordenado desenvolvimento social abriu diante da civilização cristã".

Ao ler, embora apenas rapidamente a quantidade impressionante das cartas do padre Rua, das suas circulares, dos volumes que resumem sua obra de Sucessor de Dom Bosco por 22 anos, descobre-se de maneira imponente ser verdade o que foi afirmado pelo Papa: sua fidelidade a Dom Bosco não é estática, mas dinâmica. Ele percebe realmente o fluir do tempo e das necessidades da juventude e, sem temor, expande a obra salesiana a novos campos.

